

ARTIGO**A POESIA DE CARLOS DE ASSUMPÇÃO COMO REDUTO DAS FILOSOFIAS AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA****Samuel Caetano Costa Pereira¹**

Resumo: Este artigo promove uma leitura da poesia de Carlos de Assumpção enquanto reduto das filosofias africana e afro-brasileira (aqui entendidas como um *continuum* cultural-filosófico). Para tanto, o artigo promove, de modo panorâmico e não exaustivo, a interpretação e o debate de poemas integrais e de trechos de poemas que evidenciam a profunda e potente africanidade de Assumpção, um poeta quase centenário e ainda pouco conhecido do grande público brasileiro ou de língua portuguesa. Os poemas que são objeto deste estudo provêm de diversas publicações do poeta entre os anos 1980 e 2010 (recém-reunidas no volume *Não pararei de gritar* de 2025, que conta com inéditos), e todos os poemas enfatizam tópicos intrínsecos à sabedoria africana e afro-brasileira. Entre os aspectos destacados ao longo deste estudo, importa mencionar: a voz coletiva, a força da palavra e sua resistência aquilombada, a “oralitura”, a musicalidade, a temporalidade não linear, a visão de História, a violência reativa dos oprimidos e sua solidariedade recíproca, o olhar ecológico etc. A fim de evidenciar tais aspectos, o presente estudo recorre a alguns marcos teóricos centrais do campo geral das africanidades e da filosofia: Chimamanda Adichie (2019), Frantz Fanon (2022), Síkírù Sàlámi King e Ronilda Iyakemi Ribeiro (2011), Leda Maria Martins (2003), Renato Noguera (2014), Mogobe B. Ramose (2011), entre outros. O artigo conclui que a filosofia intrínseca à poesia de Carlos de Assumpção extrapola os campos puramente teóricos e acadêmicos, uma vez que, sem deixar de ser poesia, reflete uma forma de filosofia de vida e de resistência escrita em versos.

Palavras-chave: Poesia, Carlos de Assumpção, Filosofia Africana, Filosofia Afro-brasileira.

LA POESÍA DE CARLOS DE ASSUMPÇÃO COMO REDUCTO DE LAS FILOSOFÍAS AFRICANA Y AFROBRASILEÑA

Resumen: Este artículo propone una lectura de la poesía de Carlos de Assumpção como un reducto de las filosofías africana y afrobrasileña (aquí entendidas como un *continuum* cultural-filosófico). Para ello, el artículo ofrece, de manera panorámica y no exhaustiva, la interpretación y el debate de poemas completos y de fragmentos que evidencian la profunda y potente africanidad de Assumpção, un poeta casi centenario y todavía poco conocido por el gran público brasileño o de lengua portuguesa. Los poemas analizados provienen de diversas publicaciones del autor entre los años 1980 y 2010 (recientemente reunidas en el volumen *Não pararei de gritar* [“No dejaré de gritar”, sin traducción al español] de 2025, que incluye textos inéditos). Todos los poemas enfatizan tópicos intrínsecos a la sabiduría africana y afrobrasileña. Entre los aspectos destacados a lo largo del estudio, cabe mencionar: la voz colectiva, la fuerza de la palabra y su resistencia “aquilombada”, la “oralitura”, la musicalidad, la temporalidad no lineal, la visión de la

¹ Doutorando e Mestre em Letras e Linguística na área de concentração Estudos Literários do PPGL-UFU.

Historia, la violencia reactiva de los oprimidos y su solidaridad recíproca, la mirada ecológica, entre otros. Para poner de relieve estos aspectos, este trabajo recurre a algunos marcos teóricos centrales del campo general de las africanidades y de la filosofía: Chimamanda Adichie (2019), Frantz Fanon (2022), Síkírù Sàlámi King y Ronilda Iyakemi Ribeiro (2011), Leda Maria Martins (2003), Renato Noguera (2014), Mogobe B. Ramose (2011), entre otros. El artículo concluye que la filosofía intrínseca a la poesía de Carlos de Assumpção extrapola los campos puramente teóricos y académicos, ya que, sin dejar de ser poesía, refleja una forma de filosofía de vida y de resistencia escrita en verso.

Palabras clave: Poesía, Carlos de Assumpção, Filosofía Africana, Filosofía Afrobrasileña.

1. INTRODUÇÃO

Desvalorizados pelo Ocidente mediante processos brutais de colonização e de escravização, os povos negros e seus descendentes (na África e na diáspora) mantiveram sua cultura e seus modos de pensar por meios alternativos que não os consagrados pela branquitude colonizadora. Assim, em vez da universidade e de demais instituições oficiais e/ou públicas, a religião e a arte tornaram-se redutos do pensamento africano e afro-brasileiro. Isso certamente tem que ver com o fato de que, nas culturas de matriz africana, certas separações não são tão estritas quanto nas culturas ocidentalizadas, a exemplo da inseparabilidade africana de metafísica e de ontologia; assim sendo, filosofia, arte e religiosidades africanas também possuem pontos de interpenetração e contato constante.

Como bem demonstrado por Rocha e Delbó (2025), mitos indígenas e *itans* yorubás² são reservatórios de sabedoria ancestral transmitidos oralmente geração após geração. Apesar do racismo e da colonialidade do campo filosófico, que resiste em reconhecê-lo, tais mitos e *itans* contêm muito das filosofias de seus respectivos povos e não só *podem* como *devem* ser lidos em sua profundidade e complexidade filosófica. A aceitação desses textos na universidade é recente e foi propiciada pelas leis 10.639/2003 e 11.645/2008, que exigem o ensino-aprendizagem de história e cultura indígena, africana e afro-brasileira nas instituições de ensino do Brasil. Mesmo com esses primeiros passos (de que, aliás, este artigo é fruto), ainda há muito o que transformar em matéria de reconhecimento filosófico das tradições afro-indígenas. Sobre isso e fazendo coro com Hampâté Bâ e outros filósofos africanos, Renato Nogueira frisa que:

Uma historiografia filosófica que recoloque a África como um continente intelectualmente produtivo e relevante precisa levar em consideração os mitos, aforismos, sistemas políticos, máximas e o pensamento religioso. O que está em jogo é um esforço intelectual múltiplo que não se prenda às formas e aos métodos de historiografia filosófica hegemônicos no Ocidente (Nogueira, 2014, p. 68).

Para proceder ao debate, tomamos como objeto a poesia de Carlos de Assumpção. Trata-se de um poeta negro brasileiro quase centenário em 2025 e cuja produção, por anos à margem dos circuitos poéticos tradicionais, só agora vem sendo resgatada como um dos fundamentos líricos da arte e do pensamento negros brasileiros. Como bem indica Alberto Pucheu (2025), a poesia de Assumpção transmite um grito dos oprimidos, o que extrapola o caráter tradicionalmente atribuído à poesia de expressão de *uma só* subjetividade. Em

² A saber, os *itans* são mitos da etnia yorubá (localizada nos atuais Benin e Nigéria) e que são transmitidos também nas culturas afro-brasileiras de terreiros.

Assumpção, o que encontramos é a expressão do pensamento de uma coletividade, partindo de vivências e de desejos comuns à população afro-brasileira recriados em matéria poética. A seguir, *panoramicamente* e *sem pretensão exaustiva*, veremos como alguns tópicos caros às filosofias africanas e afro-brasileiras (ambas em um *continuum* cultural-filosófico) se inscrevem na poética de Assumpção e como o diálogo entre poesia e literatura é profícuo.

2. DESENVOLVIMENTO

Desde seu primeiro livro *Protesto* (1982), Carlos de Assumpção reúne em seus versos aspectos do pensamento africano e afro-brasileiro. “Meu quilombo”, por exemplo, é o quinto poema do livro citado e, em sua segunda estrofe, introduz as seguintes assertivas:

[...] Sou apenas um homem
Lutando em seu quilombo de palavras
Apenas um homem
Tentando interpretar anseios e esperanças
De todo um povo desprezado explorado
Que um dia há de se levantar
(Assumpção, 2025, p. 15, grifo nosso).

É interessante notar como o quilombo, espaço de fuga e resistência de escravizados e oprimidos da sociedade colonial, ganha nova acepção nesse poema quando a própria poesia escrita pelo poeta se converte em “quilombo de palavras”. Assumpção parece evocar acima a dimensão mágica e o peso interventivo no real que tem a palavra na matriz yorubá: como nos recordam King e Ribeiro (2011, p. 40), “a força vital [o axé] tem na palavra um de seus principais veículos”. O uso tradicional africano do Verbo implica um peso tal que a palavra não carrega necessariamente no Ocidente, espaço colonizador onde o Verbo se fez gasto. Dotada de poder, a palavra, quando *aquilombada* na forma poética, torna-se o canal de “um povo desprezado explorado”, mesmo quando expressa por “apenas um homem”, o qual sumariza as dores de seu povo. Simultaneamente individual e coletiva, a palavra de matriz africana extrapola as cisões ocidentais e abre espaço para concepções baseadas na troca, na circulação e na resistência quilombola. Em Assumpção, não é por acaso que a palavra com frequência ocorre ritmada, evocando sons de baticuns – “Tocai tambores tocai” (Assumpção, 2025, p. 34) – e dinâmicas musicais coletivas, como repetições baseadas em chamado-resposta. Eis a força do Verbo situado entre a poesia e a música:

[...] Lá vem o carro de fogo

Zé Tambor
A morte é irmã da vida
Zé Tambor
A morte e a vida são ambas tão ligadas
Zé Tambor
Que entre ambas não há
Zé Tambor
Limite demarcado
Zé Tambor cuidado
(Assumpção, 2025, p. 65).

A união umbilical entre poesia e canto na matriz africana cobra um entendimento particular, que transgride a ideia de uma “literatura oral” - sendo o “oral” mero adjetivo à esperada forma escrita no Ocidente. Estamos, em vez disso, no terreno da *oralitura*, que abarca os saberes filosóficos tradicionalmente não escritos e propicia sua rememoração àqueles que os repetem em uníssono. O conceito provém de Leda Maria Martins (2003), que percebe na encruzilhada da entonação e do registro escrito uma marca legítima das tradições afro-brasileiras. Essa marca é tão recorrente que cobra um entendimento distinto do de “literatura”, conforme este termo tem sido concebido pelo Ocidente. Trata-se, ademais, da demarcação de um ponto de vista histórico-cultural-performático, que reconhece e chancela o diálogo íntimo de conteúdo e forma oral nas elaborações africanas, as quais, resistentes, chegam a nós. No binômio trançado Verbo-Voz, ganha forma a experiência coletiva negra da diáspora, e a forma da “oralitura” facilita a rememoração dessa experiência e possibilita sua transmissão intergeracional.

Ademais, no trecho acima, note-se um entendimento particular de temporalidade: distinta da visão ocidental, a não ruptura entre morte e vida (“ambas tão ligadas”) insere estas duas em um limite não demarcado, cambiante em sua continuidade imbricada, que não se deve ignorar enquanto nova demonstração das filosofias africanas em plena dinamicidade temporal:

O tempo africano tradicional engloba e integra a eternidade em todos os sentidos. As gerações passadas não estão perdidas para o tempo presente. A sua maneira, permanecem sempre contemporâneas e tão influentes, se não mais, quanto o eram durante a época em que viviam. O sangue dos sacrifícios de hoje reconforta os ancestrais de ontem. Tudo é onipresente nesse tempo intemporal [...] (Hama; Ki-Zerbo, 1982, p. 62 *apud* King e Ribeiro, 2011, p. 36).

Ainda segundo King e Ribeiro (2011, p. 34), “o ciclo da vida é circular”, por consequência vida e morte não são dois polos de uma reta, mas posições culminantes uma na outra, conforme um entendimento afrocentrado. Isso também surge em Assumpção na forma de um abalo à *linearidade* como fundamento ocidental (Silva, 2024) ou como contraponto ao que King e Ribeiro

(2011) denominam “pensamento sincronístico” das culturas africanas. Alguns poemas de Assumpção ilustram a ideia de uma simultaneidade temporal africana: “Protesto”, “Berimbau” e “Vim da África” (Assumpção, 2025, p. 35; 126; 154); porém sigamos com o debate em um poema mais exemplar dessa vertente:

Eu

em terras dos meus ancestrais
fui guerreiro
fui rei

fui faraó à sombra das pirâmides
fui nzinga na resistência de angola
fui soldado na libertação de moçambique
fui mandela na guerra pacífica em combate ao apartheid

em terras dos meus ancestrais
fui guerreiro
fui rei
fui sábio em alexandria
fui tanta gente que nem sei

de repente um dia
fui violentamente arrebatado
da casa dos meus avós
transformado em escravo
hoje eis-me aqui na américa
em luta aberta pela liberdade
eis-me aqui zumbi dos palmares em alagoas
tiradentes em minas gerais
martin luther king em alabama

fidel castro em havana
em luta contínua
de aurora a aurora
por um lugar à vida
por um lugar ao sol
(Assumpção, 2025, p. 117-118).

Em “Eu”, o sujeito lírico assume múltiplas máscaras, que têm em comum a sua africanidade (continental e diaspórica) e/ou a grandeza das lutas partilhadas. Embora sempre introduzidas no passado pela fórmula “fui”, essas máscaras dialogam com o presente do poeta Carlos de Assumpção, envolvido que este era nas lutas do movimento negro. Por conseguinte, a oposição entre presente e passado, como se dá no Ocidente, fica abalada: o passado convocado ao poema é o que mobiliza a “luta contínua” do agora. O que o eu-lírico *foi* é constituinte do *eu* que intitula o poema.

Ao mesmo tempo, é de se notar que o andamento do poema não corresponde à ordem linear dos acontecimentos: a cada estrofe, o poeta varia sua evocação do passado: primeiro, volta-se a um passado monárquico, bélico, quase mítico; depois, junto à menção ao Egito antigo, centra-se mais nas lutas decoloniais do século XX; na terceira estrofe, retorna à invasão europeia, à escravidão forçada e às lutas de libertação brasileira e afro-estadunidense; e, por fim, há espaço até para a luta anticapitalista na menção a Fidel Castro, líder da Revolução Cubana. Na temporalidade cíclica africana do poema, os eventos e lutas retratados dão-se, de modo significativo, não por sucessão causal, e sim como eventos paralelos que se influenciam conjunta e reciprocamente. Atravessando e atando tempos vários, é como se o sujeito lírico de Assumpção nos estivesse recordando de que a luta pela liberdade é uma só.

Vinculadas ao tópico temporal, as ancestralidades são também um tema recorrente na poesia afrodiáspórica em geral e na de Carlos de Assumpção em específico, vide os poemas “Pés brancos”, “Protesto”, “Linhagem”, “Cavalo dos ancestrais”, “Poema adaptado” etc. (Assumpção, 2025, p. 14; 35; 46; 77; 95; 125). A título de exemplo, percorramos alguns versos de “Meus avós”, em que o tópico da ancestralidade já se manifesta no título:

[...] Os meus avós foram fortes
Foram fortes os meus avós

Este país meus irmãos é fruto
Das sementes de sacrifício
Que os meus avós plantaram
No solo do passado

Há muitas histórias
Sobre os meus avós
Que a História não faz
Questão de contar

Os meus avós foram bravos
Foram bravos os meus avós [...]
(Assumpção, 2025, p. 46-47).

Em “Meus avós”, um dos mais antológicos poemas de Assumpção, o sujeito procede a um elogio da força e da braveza de seus antepassados escravizados: por “avós”, no poema, entenda-se o somatório de ancestrais escravizados (desde os sequestrados na África até os oprimidos no Brasil). Ao lançar seus elogios aos avós, Assumpção implica ainda uma reflexão crítica do campo da filosofia da História: Em um país de memória embranquecida, quem é digno de ser narrado? Com ecos benjaminianos, esse é um debate recentemente popularizado de novo pela escritora Chimamanda Ngozi Adichie (2019) a partir

da ideia do “perigo da história única”, que empobrece nossa compreensão de mundo por restringir histórias alheias a estereótipos ou até por apagá-las.

No caso brasileiro, quando se escolhe enfatizar as conquistas e o heroísmo de figuras brancas masculinas, excluem-se deliberadamente a resistência e a luta negras. Em resposta a essa exclusão imperante, Carlos de Assumpção traz os “meus avós” (o possessivo coloca o eu em relação direta com a luta deles) e a preocupação com a sua história para o centro de sua estética afro-brasileira, fazendo desse poema não só uma reflexão sobre a ancestralidade, mas também sobre a necessidade (est)ética e decolonial de recordá-la para além do academicismo branco e excludente. Nesse quadro, a ancestralidade está tão imbricada na escrita ao ponto de o sujeito lírico se declarar “cavalo dos ancestrais” (que é uma metáfora de terreiro para o *médium* que incorpora um ancestral):

Cavalo dos ancestrais

Minhas irmãs meus irmãos
Os ancestrais fazem de mim seu instrumento
Minha voz não é minha é voz dos ancestrais
Meus gestos não são meus são gestos dos ancestrais

A despeito de minha fragilidade
Os ancestrais fazem de mim seu instrumento
Me fazem portador de sua mensagem
Eles é que me mandam falar
Sobre a Mãe África violentada
Eles é que me mandam falar
Sobre tanto sangue derramado na travessia
Sobre tanto sangue derramado nas fazendas
Sobre tanto sangue derramado nas cidades
Sobre tanto sangue derramado nas lutas
Pela sua própria libertação e defesa desta terra [...]
(Assumpção, 2025, p. 95).

A memória é o tema focado na segunda estrofe acima. Como é comum nas culturas africanas, é preciso que a memória do passado comum de lutas seja transmitida aos demais, sobretudo em se tratando da memória das lutas coletivas de libertação. Conforme retratado nos versos finais, são lutas sangrentas (“Sobre tanto sangue derramado”) baseadas em sofrimento e morte por todos os espaços ocupados pela população negra (“na travessia”; “nas fazendas”; “nas cidades”; “na luta”). Vários dos poemas de Assumpção anunciam a reação dos oprimidos a esses espaços que tanto lhes ceifaram ou roubaram. No entanto, como dizia Malcom X, não se deve confundir a reação do oprimido com a violência do opressor. Em condições de opressão e alienação profundas, a violência da libertação é condição necessária para a transformação

do mundo, e isso já nos mostrava Fanon (2022) diante das independências africanas desde os anos 1950.

Assumpção, alinhado a esse debate da filosofia política do século XX, traz em vários poemas a reação oprimida em todas as temporalidades. Ela surge na forma: (1) de tambores e gritos que explodem – “Tambor / dá asas a nosso grito contido há século” (Assumpção, 2025, p. 11); (2) de imagens líricas de luta – “Cortarei com a espada / Dos meus versos / A cabeça de todas as mentiras” (Assumpção, 2025, p. 49); e (3) de reação direta à opressão – “Com o chicote da fome / Me batem me batem / Com o cassetete da opressão / Me batem me batem [...] // Mas um dia acabo com isto / Viro a mesa / Ponho fim à escravidão” e ainda “cuidado racista [...] / você de repente / leva pé na cara / leva rabo de arraia / leva rasteira leva tranco / leva mil golpes / corre risco de no fim / usar terno de madeira” (Assumpção, 2025, p. 72; 121). Repare o leitor que, em todas as citações, a violência é sempre descrita enquanto *reação*, seja ao grito contido, seja a uma ação opressora inicial. Nada disso vai de encontro às formulações da resistência africana. Um exemplo, *en passant*, é a filosofia *ubuntu*, de matriz bantu, a qual também entende a violência da luta como possibilidade política quando necessária (caso da África do Sul do *apartheid*, onde essa luta passa por revisões problemáticas):

[...] Um dos problemas com as muitas definições e descrições do *ubuntu* é que ele é apresentado como uma filosofia da paz, ou mais especificamente, da submissão e infinita capacidade de perdoar (Daye, 2004: 160-65) sem considerar a violência como uma condição de possibilidade herdada ontologicamente para a sobrevivência dos adeptos da filosofia *ubuntu*. Esta omissão na realidade descaracteriza o *ubuntu* tornando-o suscetível a experiências de pensamento, por vezes muito estranhas que o retratam sem qualquer fundamento em sua antropologia, cultura e história. Esta tendência é dominante na África do Sul (Ramose, 2011, p. 17).

Ainda em diálogo com Fanon (2022), a poesia de Carlos de Assumpção é bastante instigante, porque convoca uma frente ampla de oprimidos que reage ao sistema racista e capitalista (no fundo, um mesmo sistema). Em mais de um poema, Assumpção menciona negros, indígenas e brancos pobres enquanto coletivo, exatamente porque, na esteira do *ubuntu*, Assumpção reconhece a humanidade dos outros como a sua própria quando comungam de uma mesma dor na colonialidade e na exploração capitalista do mundo.

Minha luta

Saibam que minha luta
Está enraizada nas lutas dos meus avós

E também saibam que minha luta
Não é só minha
É luta de todos nós

Ontem lutaram comigo nos quilombos
Índios e brancos pobres irmãos explorados também
Meu quilombo de hoje
Não é diferente dos quilombos do passado
Nas lutas contra injustiça
Nas lutas contra discriminação
Ninguém pode ser
Injustiçado
Discriminado

Quem ame realmente a liberdade
Quem realmente seja irmão
Quem tenha realmente amor no peito
Me dê a mão
Junte se à minha voz
Que meu quilombo de hoje amigos
É igual aos quilombos do passado
É quilombo de todos os oprimidos
É quilombo de todos os explorados
É quilombo aonde todos são bem vindos
É quilombo de todos nós
(Assumpção, 2025, p. 93-94).

Na pluralidade “de todos nós” é que a luta se forja – ou, como diria Ramose (2011), é no reconhecimento do pluriverso de perspectivas que uma forma de comunidade humana pode ser fundada no respeito às diferenças. Tal concepção é bem diferente daquela da diversidade multicultural do capitalismo neoliberal, ancorada numa suposta igualdade formal em detrimento da igualdade material, concreta e real. Outra vez, é a base filosófica africana e afro-brasileira que alimenta a luta de Assumpção: neste e noutros poemas, “irmãos” de várias raças e etnias partilham a dor ante um sistema espúrio, como na rememoração crítica da história comum em “Quinhentos anos”:

Não embarcamos no oba-oba
Não vamos por essa rota
Meu irmão negro não
Meu irmão índio não
Meu irmão branco pobre
também não
Não somos idiotas
Estamos cansados
de carregar quinhentos anos
de opressão nas costas [...]
(Assumpção, 2025, p. 85).

O mesmo ocorre na denúncia das mortes de indígenas e negros em “Estão matando”. No poema, a repetição de frases e a rima fácil em “-ão” testemunham formalmente o assombro do sujeito com a injustiça partilhada que atinge as juventudes racializadas:

Estão matando

para Maria Marcionília Jorge

Estão matando nossos jovens
Estão matando nossos índios
É de partir o coração
Estão matando nossos jovens
Na favela na periferia
Em qualquer lugar
Estão matando nosso índios
Lá no fundo do sertão
Estão matando nosso jovens
Estão matando nosso índios
Como dói como dói o coração
(Assumpção, 2025, p. 115).

Por fim, em bela e triste comparação, a mesma equivalência de sofrimentos se dá entre a mãe de Cristo, as mães de Maio da Argentina (que buscam seus filhos torturados e desaparecidos) e as “Mães da Baixada Fluminense” que intitulam o poema, cuja prole sofre o extermínio da juventude negra pela polícia:

[...] Junto com elas caminha
Sem que ninguém a veja
A mãe daquele que ensina
Há mais de dois mil anos
A união entre os homens
E a humanidade
Ainda não aprendeu
O sofrimento que essas mulheres
Carregam nos ombros é igual
Ao de mães argentinas
Que em praça de Buenos Aires
Levantam estandarte de indignação
Pelo desaparecimento
De filhos queridos também [...]
(Assumpção, 2025, p. 119-120).

Enfim, não importa quem sejam ou de onde venham, os oprimidos são distintos em suas origens e vivências, mas têm uma causa comum a irmaná-los: a libertação do jugo capitalista, colonial e racista. Assumpção insiste nesse ponto poema após poema e, nisso, converte-se em porta-voz de populações distintas, mas só o consegue fazer a partir de sua cosmovisão africana, para a qual a

humanidade é sempre comum no pluriverso de suas manifestações singulares (Ramose, 2011).

Não surpreende, a esta altura, que a base africana do pensamento de Assumpção o instigue a uma crítica inclusive anti-imperialista e ecológica. Quanto à crítica anti-imperialista, “No planalto de Brasília” foi escrito em 2019 segundo Pucheu (2025), pelo que é um dos últimos poemas de Assumpção. Pela metonímia do “Mister John” representando o empresariado euro-estadunidense, Assumpção denuncia a liberalização da economia e a exploração de nosso país por estrangeiros do Norte como mais uma entre as várias formas de opressão a que os “condenados da terra” (Fanon, 2022) se veem submetidos e contra a qual é preciso se erguerem, apesar de alguns compactuarem com a própria exploração: “No planalto de Brasília / Tem leilão tem leilão / Tão vendendo o país / Para um tal de Mister John / [...] / E tem gente que acha bom” (Assumpção, 2025, p. 153).

Para encerrar tratando da crítica ecológica, um poema como “Elegia ao velho rio” (Assumpção, 2025, p. 105-106) é muito sensível em seguir o curso de um rio integrado à natureza e em revoltar-se ao perceber como ele se torna espaço de descarte e descaso. Também nisso a ecologia dos saberes africanos ilumina a poesia de Assumpção: a integração com o meio natural e o respeito para com ele são um fundamento de diversas etnias do continente negro e só muito recentemente o mundo ocidentalizado começou a se preocupar com aspectos da natureza. No fim do poema em questão, é a palavra o gesto de resistência à destruição ecológica que condena a nós todos, em outra discreta inscrição da matriz africana de Assumpção:

[...] As asas da morte
Já projetam sombra soturna
Sobre o rosto dorido do rio
Em vão seus amigos
Tomados de dor
Ante tanta crueza
Lamentam seu lento estertor
E em ruas e praças
Levantam barricadas de palavras
Em sua defesa
Em vão por enquanto
Por enquanto em vão
Tanta luta tanto pranto
As mãos criminosas continuam
Envenenando o velho rio
Sem punição
(Assumpção, 2025, p. 106).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tanto se pode discutir sobre a força africana e afro-brasileira que anima a poesia de Carlos de Assumpção, porém não é possível tratar de tudo nesta proposta panorâmica. Gostaríamos, porém, de encerrar recordando uma pontuação do crítico Alberto Pucheu, que tem feito o trabalho de divulgar e ampliar o público de Assumpção:

É admirável que os poemas de Carlos de Assumpção se afinem ao que havia de mais significativo na formulação de um pensamento de poetas e teóricos negros sobre questões raciais, passando pelo renascimento negro, pelo negrismo cubano e pela negritude, com Langston Hughes, Nicolás Guillén, Léopold Senghor, Aimé Césaire, Léon Damas e Frantz Fanon. Nesses casos, *está em jogo um pensamento poético, político, ético e filosófico da diáspora africana pelo mundo provocada pela violência sem par da colonização, da escravização, da retirada da terra natal, da perda da língua* (Pucheu, 2025, p. 160, grifos nossos).

Distante de qualquer artificialidade ocidental, Assumpção faz da sua poesia sua vida: seu eu é “simultaneamente pessoal, histórico e político” (Pucheu, 2025, p. 159). A africanidade que anima suas concepções de mundo se inscreve em seu “quilombo de palavras” e revela uma cosmovisão que persiste, apesar dos esforços do mundo capitalista ocidental por extirpá-la. Nesse contexto de resistência, a sabedoria que brota dos versos de Assumpção não é apenas uma filosofia acadêmica, teórica, cercada pelos muros da universidade; é uma filosofia de vida, resultado e incorporação de séculos de luta negra e de oprimidos. Tudo isso culmina na formulação lírica por nós aqui introduzida, que os tópicos mais valorados pela filosofia em âmbito universitário. Contra a racionalidade eurocentrada e a opressão ocidental que ainda vigoram, Assumpção nos brinda com uma poesia e simultaneamente uma filosofia versificadas, encantadoras, contra-hegemônicas e certamente libertadoras.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- ASSUMPÇÃO, Carlos de. **Não pararei de gritar**: poemas reunidos. São Paulo: Companhia das Letras, 2025.
- FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.
- KING, Síkirù Sàlámi; RIBEIRO, Ronilda Iyakemi. **Exu e a ordem do universo**. São Paulo: Editora Oduduwa, 2011.
- MARTINS, Leda Maria. Performances da oralitura: corpo, lugar da memória. **Letras**, [s. l.], n. 26, p. 63–81, 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11881>. Acesso em: 13 out. 2025.
- NOGUERA, Renato. **O ensino de filosofia e a lei 10.639**. Rio de Janeiro: Pallas, Biblioteca Nacional, 2014.
- PUCHEU, Alberto. Posfácio: Carlos de Assumpção, uma história que grita. *In*: ASSUMPÇÃO, Carlos de. **Não pararei de gritar**: poemas reunidos. São Paulo: Companhia das Letras, 2025, p. 157-173.
- RAMOSE, Mogobe B. Sobre a legitimidade e o estudo da filosofia africana. *In*: **Ensaios filosóficos**, v. IV, out. 2011. Disponível em: http://www.ensaiosfilosoficos.com.br/artigos/artigo4/ramose_mb.pdf. Acesso em: 13 out. 2025.
- ROCHA, Emmanuel; DELBÓ, Adriana. Para além de uma filosofia única. **PÓLEMOS – Revista de Estudantes de Filosofia da Universidade de Brasília**, [s. l.], v. 13, n. 29, p. 12–41, 2025. DOI: 10.26512/pl.v13i29.54803. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/polemos/article/view/54803>. Acesso em: 13 out. 2025.
- SILVA, Denise Ferreira da. **A dívida impagável**: uma crítica feminista, racial e anticolonial do capitalismo. Rio de Janeiro: Zahar, 2024.